

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS VALORES DEÔNTICOS NA MÍDIA TELEVISIVA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA NO PORTUGUÊS EUROPEU*

Nadja Paulino PESSOA (Universidade Federal do Ceará)¹

RESUMO: O presente trabalho objetiva descrever e analisar as expressões linguísticas dos valores deônticos relacionadas ao discurso midiático, a partir da perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Os valores da modalidade deôntica podem ter expressão nas línguas por meio de verbos plenos, auxiliares modais, advérbios, adjetivos em função predicativa, afixos, entre outros. Em português, em específico o europeu, a expressão desses valores pode estar relacionada, em termos de frequência, a um desses meios ou a outros ainda não especificados, tendo em vista a mídia televisiva. A determinação da frequência das expressões será feita pelo programa computacional SPSS, das ocorrências encontradas no *corpus* REDIP².

PALAVRAS-CHAVES: Funcionalismo. Valores deônticos. Mídia televisiva.

1 Introdução

A categoria modalidade tem sido objeto de estudo dos mais variados enfoques teóricos ao longo do tempo, o que lhe confere caráter multidisciplinar. Entretanto, no que concerne à interrelação entre esta categoria e a construção discursiva, os estudos não têm sido muito satisfatórios, uma vez que muitas investigações se centram nos meios de expressão da modalidade. Além das questões relacionadas aos tipos e subtipos de modalidade e ao escopo de atuação dos modalizadores, há o problema da polissemia dos verbos modais. Bybee & Fleischman (1995), por exemplo, ressaltam os casos de polissemia desses verbos, visto que uma mesma forma pode ser usada para a expressão da modalidade epistêmica ou deôntica.

Ao adotarmos um posicionamento funcionalista, baseado especificamente na Gramática (Discursivo) Funcional, vemos que é possível observar a interrelação entre os modalizadores ditos *deônticos* e um dado discurso, contemplando suas funções discursivas em ocorrências reais de uso, o que nos é de muita valia, já que nossa intenção é descrever e explicar como tal categoria colabora no processo de construção do discurso midiático.

De modo geral, objetivamos analisar as expressões linguísticas dos valores deônticos relacionadas ao discurso midiático, sob o enfoque funcionalista, buscando integrar, na análise, os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, o que pressupõe o estudo da língua em uso. Devido à importância do nível pragmático, a pesquisa funcionalista é feita pela análise dos enunciados realizados efetivamente nos gêneros textuais, tidos como práticas sociodiscursivas, que estão diretamente relacionados às diversas esferas da atividade humana, que têm em comum a utilização da língua (BAKHTIN, 1992). Assim, a análise da

* O presente trabalho vincula-se ao Projeto de Pesquisa intitulado “A expressão da obrigação em português europeu: uma análise da mídia televisiva”, submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE/UFC).

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFC). Além disso, este trabalho relaciona-se à Tese de Doutorado que está sendo desenvolvida pela autora.

² Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa. Este *corpus* foi construído pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), localizado em Portugal.

manifestação da modalidade deôntica será feita a partir de enunciados efetivos em português, especificamente, o português europeu, uma vez utilizaremos o *corpus* REDIP.

O interesse pelo discurso midiático está relacionado ao papel que desempenha em sociedade: informar e “normatizar” as condutas sociais dos cidadãos, já que a televisão, por exemplo, sob o ponto de vista da mídia, o maior veículo de comunicação do país, atingindo, 99,6 % dos lares. Além disso, vale ressaltar que esses dois meios atingem um público maior que o jornal impresso, pois abrange, em grande parte, o público iletrado. Essa ampliação do público-alvo se deve ao fato de que a linguagem televisiva é a combinação dos códigos icônico, sonoro e linguístico. Dessa forma, aqueles que não sabem (ou não conseguem mais) ler podem ficar a par de tudo que ocorre no mundo.

Daí a importância de estudar a modalidade do eixo da conduta neste tipo de discurso. Parece-nos extremamente útil observar que meios linguísticos se prestam à expressão da modalidade deôntica no discurso midiático, uma vez que as escolhas por determinados modalizadores deônticos estão condicionadas pelos propósitos comunicativos de cada falante, tendo em vista o tema do programa transmitido.

A relevância deste estudo se deve, sobretudo, às questões teóricas sobre a modalidade deôntica e seus níveis de atuação, já que esta questão é recente no âmbito da gramática funcional do discurso, o que justifica nosso interesse por uma verificação empírica dos fatos. A presente pesquisa se distingue, portanto, pela preocupação em destacar o caráter mediador, instrumental da expressão linguística, evitando radicalizações tanto no sentido do sistema da língua como do uso que dele se faz. Desse modo, poderá contribuir não apenas para as discussões sobre tal categoria nas reflexões teóricas sobre o tema modalidade, oferecendo-lhes evidência empírica mediante a análise de dados, como também para o entendimento de como se caracterizam o discurso midiático no meio televisivo.

2 A Gramática Discursivo-funcional: algumas considerações

Numa abordagem funcionalista, do ponto de vista da Linguística, o que interessa é a *competência comunicativa*, ou seja, o modo como os usuários da língua se comunicam de modo efetivo, já que a linguagem constitui uma atividade cooperativa regida por normas, regras linguísticas e pragmáticas. Isto pressupõe que eles sejam capazes de adequar-se às diversas situações, fazendo uso das expressões de modo apropriado, segundo as convenções da interação verbal da comunidade na qual estão inseridos.

Desse modo, as estruturas linguísticas são “configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração” (NEVES, 2001, p. 2). Isto significa assumir o postulado da não-autonomia da língua.

A análise linguística, segundo este paradigma, busca integrar os níveis sintático, semântico e pragmático, sobrepondo-se este aos demais. A frase pode, então, ser analisada “não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo”. (NEVES, 2001, p. 18).

Um dos modelos teóricos de funcionalista é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que constitui uma expansão da Gramática Funcional de Dik (1997). Segundo Hengeveld

(2004), a geração de estruturas profundas, bem como a interface entre os vários níveis, pode ser descrita em termos de decisões que o falante faz ao construir seu enunciado. Desse modo, a GDF trabalha com o modelo *top-down*, diferentemente da GF, que trabalha com numa perspectiva *bottom-up*. A característica mais saliente desse modelo é que as decisões de análises das camadas mais altas determinam e restringem as possibilidades de análises das camadas inferiores. Assim, o processo de produção do discurso parte da intenção para a articulação, conforme nos esclarece Hengeveld (2004), ao explicar que o falante primeiro decide qual o seu propósito comunicativo, seleciona a informação mais conveniente e então codifica gramatical e fonologicamente esta informação e a articula.

Para a GDF, a unidade mais básica de análise é o ato de fala num discurso mais do que o enunciado, ou o Ato Discursivo. Assim, é possível distinguir quatro níveis que interagem entre si: o nível interpessoal, o nível representacional e o nível morfossintático e o nível fonológico. Esses níveis, por sua vez, interagem com o componente conceitual (competência comunicativa, conhecimento de mundo e competência linguística) e com o componente contextual (informações derivadas a partir da situação de fala).

A princípio se reconhecem quatro componentes, a saber: o Componente Conceitual, o Componente Contextual, o Componente de Expressão e o Componente Gramatical, que está organizado em quatro níveis, tendo em vista o processo de FORMULAÇÃO, relacionado à especificação de configurações pragmáticas e semânticas que são codificados nas línguas; e de CODIFICAÇÃO, relacionado à forma morfossintática e fonológica que as configurações pragmáticas e semânticas possuem nas línguas. Vale salientar que os dois primeiros componentes interagem com o componente gramatical, condicionando, por fim, o componente de saída, no qual a expressão linguística é efetivamente realizada.

O Componente Conceitual está relacionado ao desenvolvimento de uma intenção comunicativa relevante para o evento de fala e às conceitualizações associadas a eventos extralingüísticos relevantes. Esse componente, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), não inclui todos os aspectos de cognição, mas somente aqueles que afetam a intenção comunicativa imediata.

O Componente Contextual está relacionado ao contexto comunicativo em que se desenvolve a intenção comunicativa do falante, o que significa levar em consideração também aspectos socioculturais da interação verbal. Este componente contém dois tipos de informação: a imediata e a informação de longo termo. Tais informações influenciam a formulação e a codificação numa língua.

Segundo Connolly (2007), a primeira distinção com relação ao contexto leva em consideração os aspectos discursivo e situacional. O aspecto discursivo pode ser analisado estritamente, o que ele denominou de “co-texto”, e/ou amplamente, o que ele chamou de “intertexto”, os quais podem ser analisados com base em aspectos linguísticos e não-linguísticos, relacionados ortogonalmente. Parece-nos possível, então, dizer que o discurso constitui uma relação entre os aspectos linguísticos - no *eixo x*, por exemplo - e os aspectos não-verbais - no *eixo y*. Cada discurso, assim, poderia ser marcado por essa relação, de modo que seria variável tendo em vista os condicionamentos a que cada gênero textual estaria sujeito. O aspecto situacional pode ser analisado estritamente, considerando o gênero textual produzido, e/ou amplamente, os quais podem ser analisados com base em aspectos físicos, como espaço e tempo, e socioculturais, relacionados ortogonalmente também. Connolly (2007) explica que o aspecto físico estrito corresponde ao “cenário”, e o aspecto sociocultural

corresponde à “cena”. Para ele, um cenário pode servir de base para várias cenas, a depender das “ocasiões socioculturais”.

Além dessas distinções, o autor explica que uma distinção final deve ser feita: o contexto mental e extramental. “O contexto mental constitui parte do contexto que reside na mente dos produtores e intérpretes de um discurso ou fragmento de discurso, enquanto que o contexto extramental corresponde ao universo exterior.”³ (CONNOLLY, 2007, p.18). Vale salientar que o escopo do contexto mental é mais extenso, pois engloba tanto os eventos reais quanto os imaginários.

No que tange ao Componente de Saída ou Expressão, ele converte a estrutura final do Componente Gramatical em expressão linguística, que pode ser de natureza acústica, gráfica (escrita), gestual etc. Por fim, vale mencionar que, segundo a proposta *top-down* da GDF, as decisões comunicativas do Falante não são modeladas dentro de uma gramática, mas em um Componente Conceitual de uma teoria geral da interação verbal. Este componente influencia o funcionamento da gramática como um todo, começando com os níveis Interpessoal e Representacional. O componente Conceitual contém a intenção comunicativa do Falante e as estratégias que ele deseja empregar a fim de realizar sua intenção. Desse modo, haverá certo mapeamento entre o Componente Conceitual e os conteúdos dos níveis Representacional e Interpessoal.

3 A Modalidade deôntica: um dos domínios de avaliação modal

A origem do termo *deôntico* remonta à palavra grega *deon*, significando “o que é obrigatório”, e se refere à lógica da obrigação e da permissão (LYONS, 1977). Desse modo, a modalidade deôntica se relaciona à necessidade ou à possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente responsáveis, o que implica alguma espécie de controle humano intrínsecos dos eventos (NEVES, 1996).

Segundo a proposta de organização da frase em camadas da Gramática Funcional (HENGEVELD, 1988; DIK, 1997), a modalidade deôntica se situa na predicação, que diz respeito à função representacional da linguagem, o que lhe conferiria um caráter objetivo. Destacamos que o termo *objetivo* não significa a descrição “exata e fiel” dos fatos, mas está relacionado à ausência de marcas linguísticas que revelem a introjeção do falante no enunciado.

Pessoa (2007) salienta que essa separação em camadas, às quais correspondem duas funções (representacional e interpessoal), é uma tentativa de formalização da estrutura frasal, de modo que uma frase apresenta todas as camadas e funções lá estabelecidas. Sendo assim, a modalidade deôntica poderia ter um componente interpessoal, uma vez que visa à modificação da informação pragmática do ouvinte, no sentido de levá-lo à ação.

No que diz respeito às características desse tipo de modalidade, Lyons (1977) aponta as seguintes:

³ *The mental context constitutes the part of the context that resides in the minds of the producers and the interpreters (including analysts) of a discourse or fragment, while the extra-mental context is supplied by the outside universe.* (Tradução da autora)

- (i) a sentença não descreve um ato em si mesmo, mas um EC que será obtido, caso o ato seja realizado, em algum tempo (ou mundo) futuro;
- (ii) a relação intrínseca com a noção de *futuridade*, pois, ao impor algo a alguém, a execução do ato será futura, seja próxima ou não, já que não podemos impor que alguém realize um ato no passado;
- (iii) o (re)conhecimento de uma *fonte* que a instaura ou cria uma necessidade ou possibilidade que recai sobre o *alvo deôntico*, pessoa ou instituição à qual está dirigido o valor deôntico instaurado.

Em relação à fonte modal, Verstraete (2005) faz uma distinção importante que se relaciona a esta de fonte e alvo deôntico: a de fonte modal, autoridade que concede uma permissão ou impõe uma obrigação, e a de agente modal, pessoa da qual se espera a condução da ação. Essa distinção é importante quando se leva em consideração a modalidade epistêmica, pois esta não tem agente modal.

Essa distinção também é importante quando se analisa os valores de permissão e obrigação, uma vez que a diferença entre esses valores está na disposição do agente modal. Para o autor, a permissão codifica uma baixa atitude da fonte modal, bem como pressupõe disposição do agente conduzir a ação; enquanto que a obrigação codifica uma forte atitude da fonte modal, bem como pressupõe não-disposição do agente.

Para Palmer (1986), a modalidade deôntica é caracterizada com “contendo um elemento de desejo”, estando, pois, relacionada às ações realizadas pelo próprio falante ou por outros. Essa característica também é pontuada por Heine (1995, p. 29), ao tentar estabelecer as propriedades conceptuais que distinguem a modalidade epistêmica da modalidade deôntica. São elas:

- a) A existência de uma *força*, que é caracterizado como um “elemento de desejo”;
- b) O evento é realizado por algum *agente* controlador;
- c) O evento é *dinâmico*;
- d) O evento ainda não tem uma referência temporal;
- e) O evento é *não-factual*, embora haja alguma escala de probabilidade que ele ocorra.

No que concerne aos valores deônticos, Leite (2002) diz que a modalidade deôntica corresponde aos predicados cujos valores modais são *obrigatório*, *proibido* e *permitido*. Lyons (1977) discute também as sentenças deônticas em termos da noção de obrigação, tentando estabelecer uma relação entre as noções de proibição e permissão. Para o autor a noção de permissão está relacionada à possibilidade, enquanto que a obrigação está relacionada à necessidade.

Na tentativa de relacionar esses valores, Lyons (1977) explica que se não há obrigação de se fazer algo, isso significa que há a permissão de não fazer, enquanto que se não há a permissão de fazer algo, isso significa que há a obrigação de não fazer. Percebemos, portanto,

que há uma relação que se estabelece entre modalidade e a polaridade negativa. Dessa forma, uma obrigação, uma proibição ou uma permissão pode ser instaurada direta ou indiretamente, o que confere ao enunciado efeitos de sentidos diferentes.

4 Metodologia

A opção por uma orientação funcionalista de análise, levam-nos a trabalhar com um *corpus* de ocorrências reais da língua, de modo a podermos descrever e explicar, empiricamente, o uso de modais deônticos na construção discursiva midiática, de modo a desvincular a noção de camada dos efeitos pretendidos. Assim, recorreremos ao *corpus* “Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa” - REDIP⁴, que foi desenvolvido pelo Instituto de Linguística Teórica e Aplicada (ILTEC), situado em Portugal.

Segundo Ramilo e Freitas (2002), o REDIP está composto por amostras de português europeu, nas modalidades oral e escrita, difundido em três meios de comunicação social: rádio, televisão e imprensa. As amostras de cada meio de difusão foram divididas em seis temas, a saber: economia, atualidade, opinião, ciência, desporto e cultura, o que totaliza 324.000 palavras.

Levando em consideração apenas a mídia televisiva e excluindo o tema “ciência”, analisamos um volume textual de 90.000 palavras, conforme quadro a seguir:

Quadro 1: Quantidade de palavras na mídia televisiva

TEMAS	QUANTIDADE DE PALAVRAS
CULTURA	18.000
DESPORTO	18.000
ATUALIDADE	18.000
ECONOMIA	18.000
OPINIÃO	18.000
Totais	90.000

A fim de que possamos empreender uma análise quantitativamente adequada, optamos pelo uso o programa estatístico SPSS (versão 7.5 para *Windows*), já que se assemelha ao Excel no que diz respeito às interfaces (barra de ferramentas, barra de menu, caixas de diálogo, etc) e possibilita a confecção automática de gráficos ou tabelas a partir dos dados quantitativos.

Salientamos que, apesar de nosso objeto de estudo não constituir um fenômeno linguístico variável, tal como define a Teoria da Variação ou a Sociologia Quantitativa, é possível utilizar tal programa no que se refere à verificação de frequência, ao nível de significância Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa e ao

4 O REDIP está disponível no site do ILTEC: <<www.iltec.pt>>.

cruzamento das variáveis que estabelecemos como pertinentes à interpretação dos modalizadores deônticos no discurso midiático.

Parâmetros para análise do <i>corpus</i>	
Tema do programa	Atualidade
	Desporto
	Economia
	Cultura
	Opinião
Valor deôntico	Obrigação
	Negação da obrigação \cong permissão
	Obrigação de não atuar \cong proibição
	Permissão
	Negação de permissão \cong proibição
	Proibição
Formas de expressão	Negação de proibição \cong permissão
	Auxiliar modal
	Adjetivo
	Verbo
	Substantivo
	Advérbio
	Construções modalizadoras ⁵

Feitas essas considerações de ordem metodológica, passaremos aos resultados.

5 Resultados parciais: análise e discussão⁶

As análises e a discussão de alguns dados foram feitas tendo em vista a três variáveis a seguir: (i) tema; (ii) valor deôntico; (iii) forma de expressão.

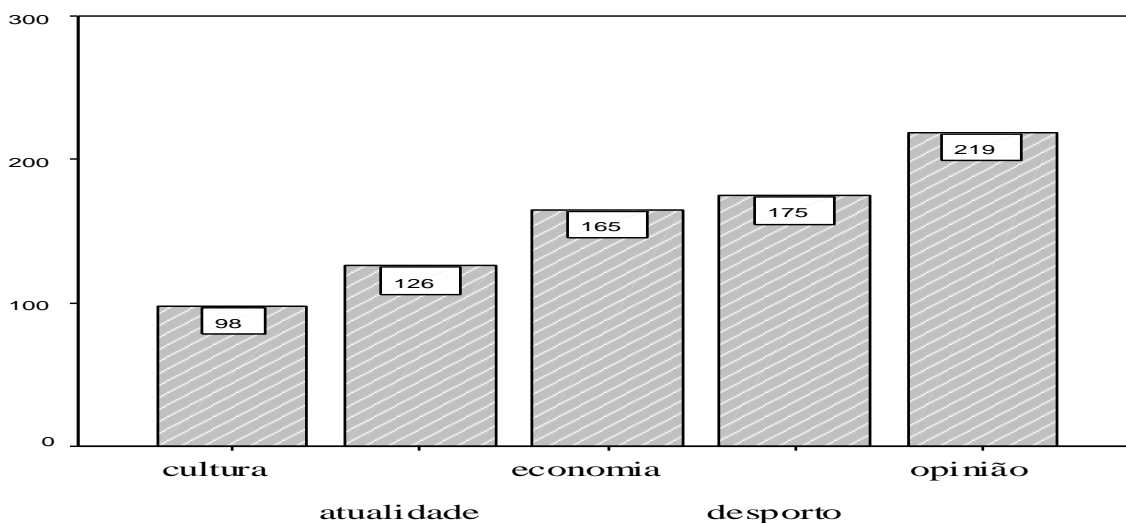
5.1 Tema dos programas televisivos

Tendo em vista a mídia televisiva, constatamos que, das 783 ocorrências dos modalizadores deônticos, 28% está relacionado ao tema opinião, como esperávamos, uma vez que, nesse tipo de programa, os participantes podem mostrar de modo mais incisivo seu posicionamento em relação aos assuntos debatidos, como pedofilia, medicina alternativa, curandeirismo, violação, etc, o que já nos dá indícios de que esta categoria pode sim se também do tipo subjetiva. De outro lado, o tema cultura foi o apresentou menor frequência de ocorrência dos modalizadores deônticos, com apenas 12,5% do total, como podemos ver no gráfico a seguir:

⁵ Segundo Pessoa (2007, p. 97), este rótulo inclui construções como “ser para+ infinitivo” e SNs com valores axiológicos como “o importante é”, “o necessário é”, “o que importa é”, etc.

⁶ As análises e discussões desenvolvidas aqui são preliminares.

Gráfico 1: Temas da mídia televisiva



Os temas de economia e de desporto apresentaram frequência aproximadas, o que corresponde a 21,1% e a 22,3%, respectivamente. O tema de atualidade é o segundo com menos modalizadores deônticos, totalizando 16,1% das ocorrências da mídia televisiva.

As ocorrências (1), (2), (3), (4) e (5) ilustram, respectivamente cada tema, a partir do tema com menor frequência:

(1) não há vício pior que o ódio, nem ascese comparável à paciência. por isso, **devemos** cultivar activamente a paciência, pelos mais diversos meios. o espírito nunca goza a paz, a alegria e o bem-estar, nem vive equilibrado ou dorme tranquilo, enquanto tem o ferrolho do ódio cravado no coração. (Acontece - Cultura)

(2) novos elementos pró-indonésios, como basílio araújo, parente do bispo de baukau, utilizam o argumento de que *não se deve* discutir o estatuto político de timor-leste, para entravarem as posições da resistência. (Telejornal - Atualidade)

(3) a ideia é importada dos estados unidos e está a estabelecer-se em portugal como franchising. se o negócio lhe interessa saiba que para abrir uma loja postnet... precisa de fazer um investimento de doze a quinze mil contos... e de um espaço comercial entre os setenta e os cem metros quadrados. a loja **deve** estar localizada numa zona de acessos fáceis, próxima de escritórios, onde circulem mais de vinte e cinco mil pessoas. o investimento pode ser recuperado ao fim de dois anos. (Dinheiro Vivo - Economia)

(4) é muito difícil depois para os dirigentes, eh, fazer ver, eh, para os dirigentes, para os atletas, eh, cumprir regulamentos, quando são aqueles que deveriam ser os juizes, que... que deveriam decidir dentro do campo e ser eles a... a equilibrar aquilo que num... num jogo de futebol, eh, deve ser o... o... o regulamento, **deve** ser as leis, s... elas são, eh, exercidas apenas... (Os Donos da Bola - Desporto)

(5) elas (*as regras*) existem de qualquer modo, elas existem e têm que ser cumpridas, por uma razão muito simples, porque a cidadania não se aplica só aos

direitos cívicos, políticos e aos direitos sociais, cada vez mais se **deve** aplicar à intimidade, e este problema todo da pedofilia, o problema que levanta é esse. a razão por que se começou a prestar tanta atenção e começou com o caso dutroux, não é? na bélgica... (Maria Elisa - Opinião)

Baseando-nos essas considerações, parece ser possível estabelecer uma escala em que o tema poderia estar relacionado intimamente à ocorrência das expressões modais deônticas:

Figura 1: Escala de favorecimento de uso dos modais deônticos na mídia televisiva



Fonte: Elaboração do autor, Fortaleza, 2010

Assim, o tema “cultura” seria o que apresenta menor relação de favorecimento, enquanto que o tema “opinião” apresentaria maior relação de favorecimento das expressões modais em questão.

5.2 Valores deônticos instaurados na mídia televisiva

Um dos parâmetros semânticos diz respeito ao valor deônticos instaurado. Para esta variável estabelecemos sete tipos de valores levando em consideração à polaridade (positiva ou negativa), a saber: (i) obrigação; (ii) negação da obrigação \cong permissão; (iii) obrigação de não atuar \cong proibição; (iv) permissão; (v) negação de permissão \cong proibição; (vi) proibição; (vii) negação de proibição \cong permissão.

A Tabela 1 nos mostra a frequência de ocorrência de cada valor deôntico considerando-se a polaridade.

Tabela 1: Valores deônticos instaurados na mídia televisiva

	Frequência	%
proibição	14	1,8
negação da obrigação	15	1,9
obrigação de não	16	2,0
negação da permissão	74	9,5
permissão	283	36,1
obrigação	381	48,7
Total	783	100,0

Os dados mostram que o valor deôntico mais usado é o de obrigação, com 48,7% do total, o que corresponde sozinho a quase metade das ocorrências, o que já era esperado, pois esse é o valor prototípico da modalidade deôntica. Outro valor também muito freqüente é o de permissão, que conta com 283 ocorrências, ou 36,1% do total. Como vemos, os outros quatro valores totalizam apenas 15,2%. O valor “negação da proibição” não ocorreu em nenhum dos casos analisados.

Com relação aos macro-valores - obrigação, permissão e proibição, podemos verificar que, ao contabilizarmos a permissão e a proibição, instaurados direta ou indiretamente, teremos o Gráfico 2:

Gráfico 2: Macro-valores instaurados na mídia televisiva



A obrigação ainda continua sendo o valor mais significativo em termos percentuais, seguido pelo valor de permissão, que conta com 38% das ocorrências, e por fim aparece o valor de proibição, com 13,3%. Esses valores estão ilustrados, respectivamente, nas ocorrências que se seguem:

(6) L18: sim, eu julgo que sim, portanto, a pessoa **deve**, eh, proteger os seus bens, mas julgo que uma arma de fogo é um bocado... exagerado, sei lá, tipo um... outro tipo de armadilha mais simples em que o indivíduo por exemplo ficasse... (Casos de polícia - Opinião)

(7) eh, a nossa lei **permite**, ou melhor, não condena, não pune, melhor dito, as pessoas que por exemplo, para defenderem a sua vida, ou para defenderem a sua integridade física, eh, acabam por atingir outras pessoas. mas mesmo aí, há sempre uma preocupação (Casos de polícia - Opinião)

(8) , está previsto na lei a... americana daquele estado que... **é... é proibido** fazer aquela venda, portanto não é m... (Casos de polícia - Opinião)

Vale mencionar que o valor de permissão foi instaurado indiretamente em 1,9% (negação da obrigação) do total das ocorrências, o que demonstra que os participantes preferem instaurar uma permissão de modo direto. Já em relação à proibição, na maioria dos casos, houve uma instauração indireta (obrigação de não; negação da permissão), o que contabiliza 11,5% das 783 ocorrências. Dos modos de instauração indireta, há uma preferência pela “negação da permissão”, com 9,5% dos casos.

5.3 Formas de expressão dos valores deônticos

Em relação às formas linguísticas, estabelecemos algumas “sub-variáveis” segundo as quais cada ocorrência foi analisada. Assim, levamos em consideração a expressão da modalidade deôntica por meio de: (i) substantivo; (ii) adjetivo, seja em função predicativa ou não; (iii) verbo pleno; (iv) construções modalizadoras; (v) auxiliar modal; (vi) advérbio.

Após a análise, verificamos que a forma “auxiliar modal” é a mais frequente na mídia televisiva, o que demonstra uma predileção dos falantes por esse meio em especial, já que ela foi usada em 77,5% das ocorrências nesse *corpus*, conforme mostra a Tabela :

Tabela 2: Formas de expressão da modalidade deôntica na mídia televisiva

	Frequência	%
substantivo	11	1,4
construções modalizadoras	13	1,7
adjetivo	72	9,2
verbo	80	10,2
auxiliar modal	607	77,5
Total	783	100,0

As ocorrências de (1) a (6) ilustram a expressão da modalidade deontica por meio de auxiliares modais. Em relação às formas “verbo” e “adjetivo”, percebemos um uso aproximado desses meios, com leve predomínio do verbo pleno, ilustrado na ocorrência (7). No que se refere ao “adjetivo”, temos dois tipos de classes: (i) adjetivo em função predicativa, como em (8) e (ii) adjetivo sem função predicativa, como em (9), com valor de proibição:

- (9) o simples facto de se entrar num espaço **vedado** ao público, mesmo que não seja para roubar ou para furtar, atenção, é já de si a prática de um crime. (Casos de polícia)

As construções modalizadoras, que podem ser consideradas como uma espécie de lexia, e os substantivos apresentaram baixo uso, totalizando as duas formas, apenas, 3,1% das ocorrências. As ocorrências (10) e (11) ilustram o que acabamos de mencionar, respectivamente:

- (10) L4: a qualidade da escola **está na mão** dos pais, concorda com isto? (Acontece - Cultura)

- (11) é uma meta necessária e... que perante a massa associativa tenha a **obrigação** de chegar ao título, porque senão, eh, o... o boavista pode ter problemas. (Os Donos da Bola - Desporto)

A construção “está na mão” e o substantivo “obrigação” expressam o valor deontico de obrigação, ao que parece com graus distintos. A primeira, ao estar associada à capacidade do alvo, pode ser interpretada como tendo um grau mais baixo de obrigação, enquanto que a segunda forma pode ser vista como tendo um grau mais alto.

Em relação ao advérbio, não houve nenhuma ocorrência dessa forma, no *corpus* da pesquisa.

Considerações finais

Com base na perspectiva funcionalista da linguagem e com o auxílio do SPSS, pudemos analisar o discurso midiático difundido pela televisão, em português europeu, tendo em vista três parâmetros de análise: (i) tema; (ii) valor deontico; (iii) formas de expressão.

Em relação ao primeiro parâmetros, constatamos que o tema “opinião” é o mais favorável para ocorrência dos valores deonticos, pois geralmente tratam de tema polêmicos para a sociedade, tais como “pedofilia, invasão de domicílio, posturas éticas”, e outros. No que tange ao valor deontico, percebemos que a obrigação é o valor que mais se faz presente, com quase metade das ocorrências. Esse valor é geralmente considerado o prototípico em relação aos demais, o que é verificado nesse tipo de discurso também. No que concerne às

formas, destacam-se os auxiliares modais com cerca de 80% das ocorrências, o que mostrar uma predileção por instaurar valores deônticos, como os de obrigação, por meio dessas formas.

Por estar relacionado à descrição e à análise linguística da língua portuguesa usada na Europa, este trabalho poderá servir de subsídios para possíveis comparações entre o português europeu e o português brasileiro, no que se refere aos níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático-discursivo, de modo a estabelecer semelhanças e diferenças entre eles. Tais análises podem nortear a construção de materiais didáticos, a compreensão do sistema linguístico e da construção do discurso midiático, e auxiliar o professor nas explicações em sala de aula de “português língua estrangeira” e/ou “português língua materna”.

Referências

- BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. BY
- BEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- CONNOLLY, J. H.. Context in functional discourse grammar. In.: **Alfa**, São Paulo, 51 (2), p. 11-33, 2007.
- DIK. C. S. **The Theory of Funcional Grammar**. Vol. 1. Ed by Hengeveld (Kees) Berlin/
- HEINE, B. Agent-oriented vs. Epistemic modality. Some observations on German modals. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (Org.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins publishing company, 1995. p. 17-53.
- HENGVELD, K.. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. In: **Journal of Semantics**, v. 6, 1988, p. 227-269.
- _____. The Architecture of a Functional Discourse Grammar. In: GÓMES GONZÁLES, M. A.; MACKENZIE, J. L. (eds.). **A new architecture for functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 243-272.
- _____; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEITE, A. M. P. C.. **A modalização deôntica no discurso jurídico**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- LYONS, J.. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- NEVES, M. H. de M.. A modalidade. In: KOCH, I.G.V. (org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, p. 163-199. New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- _____. **A gramática funcional**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PESSOA, N. P.. **Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza.

RAMILO, M. C; FREITAS, T. **A linguística e a linguagem dos média em Portugal: descrição do projecto REDIP**. Disponível em: <<http://www.itec.pt/pdf/wpapers/2002-redip-redip.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2008.

VERSTRAETE, J. C.. The problem of subjective modality in the Functional Grammar model. In: GÓMES GONZÁLES, M. A.; MACKENZIE, J. L. (eds.). **A new architecture for functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 243-272.